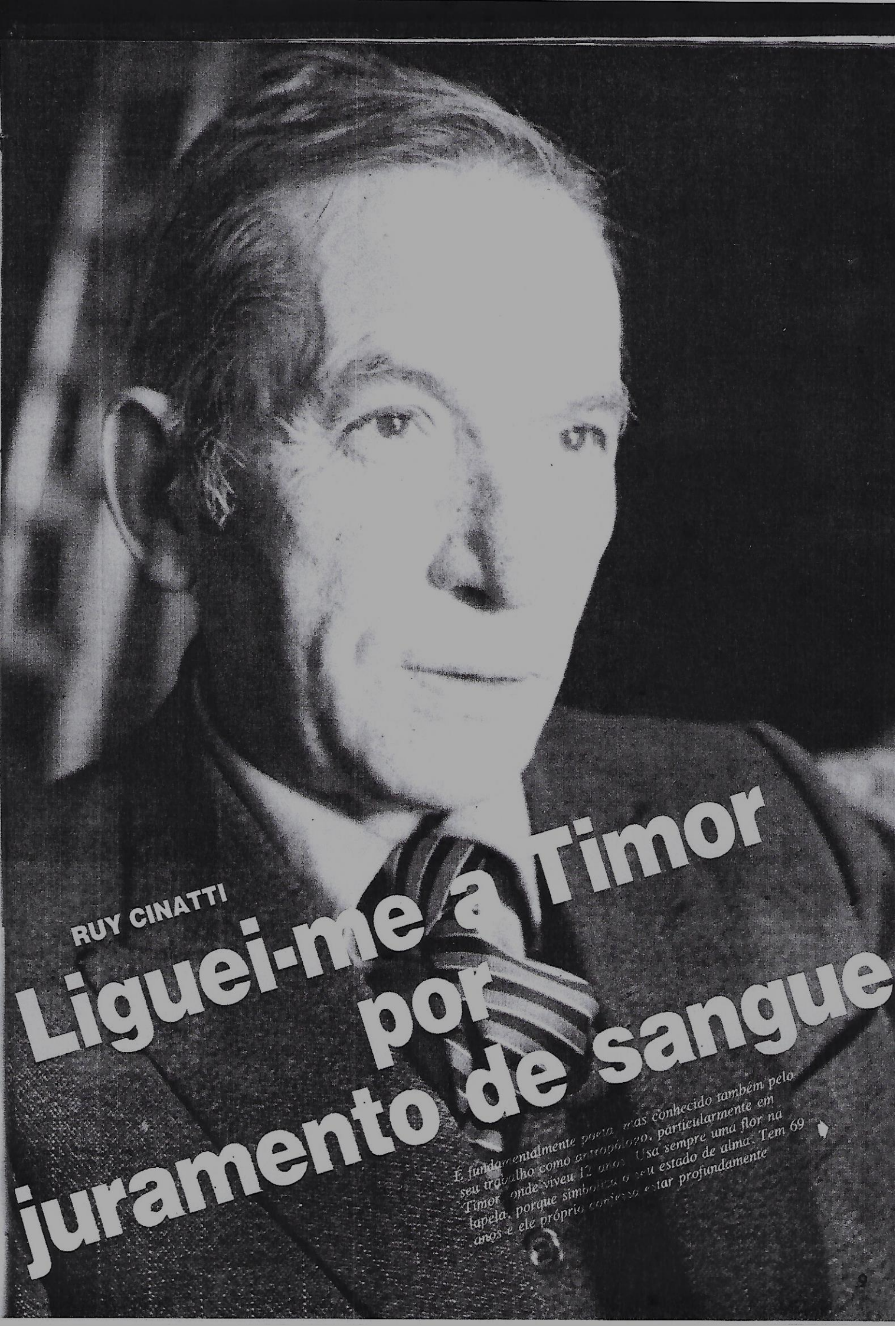




RUY CINATTI

Liguei-me a Timor por juramento de sangue

É fundamentalmente poeta, mas conhecido também pelo seu trabalho como antropólogo, particularmente em Timor, onde viveu 12 anos. Usa sempre uma flor na lapela, porque simboliza o seu estado de alma. Tem 69 anos e ele próprio confessa estar profundamente

ancorado no mundo religioso que a sua poesia reflecte. Encontra e reencontra a poesia nos sítios por onde passa, nos jardins e nas pessoas. É uma espécie de oração que «recito para além das convencionais»...

Cinatti não é um nome português. Qual a sua origem?
O nome provém da minha mãe. Uma parte da sua família era originária de Siena (Itália). A outra de Cantão, mais propriamente de Anoy e depois de Macau.

O facto de sua mãe ter sangue oriental influenciou-o?
Influenciou-me muitíssimo. Quando o pintor António da Costa quis, em 1943, fazer o meu retrato, começou bem. Mas acabou por rasgá-lo de alto a baixo e disse: «Define-te como ocidental ou oriental. O teu rosto está cheio de linhas que se cruzam de forma muito confusa. Há o Oriente e o Ocidente na tua expressão.» Aliás, a minha poesia reflecte-o.

A sua mãe falava muito nas suas origens?
Eu não conheci a minha mãe, mas ainda tenho família em Hong Kong. Meu avô, Demétrio, de origem toscana (Itália), mantinha um ambiente oriental em sua casa.

Será que o facto de a não ter conhecido o tornou ainda mais curioso?
Sim, claro. As origens, quando desconhecidas, são como contos de fadas, atraem-nos. Uma vez conhecidas, serão para sempre lembradas.

Muita gente está actualmente interessada nas culturas orientais. Porquê? Acha que o Ocidente já deu o que tinha a dar?
É a novidade. E como toda a expressão oriental é muito poética as pessoas viram-se para ela, não só pela sua beleza mas também porque julgam não encontrar no Ocidente aquelas razões de salvação que procuram. Claro que essas motivações poderiam também ser descobertas entre nós, mas o Oriente mantém um certo esoterismo e mistério que atrai. E, depois, é a velha história dos santos de casa não fazerem milagres, embora os estejam fazendo.

Coleccionador de ilhas

A poesia fala muito de Timor. Quantos anos lá viveu?
Ao todo 12 anos, com intervalos.

O que o levou até lá?
Primeiro, em 1946, fui para Timor integrado no Gabinete governamental, mais tarde como chefe dos serviços de Agricultura e, finalmente, à solta, como antropólogo. O que me levou até lá foi a voz do sangue, alimentado por leituras de infância e de adolescente. No fundo, o apelo do desconhecido nas edénicas ilhas dos mares do Sul. Fui sempre um coleccionador de ilhas, nascido que fui na Grã-Bretanha.

Era engenheiro agrónomo, mas depois formou-se em antropologia em Oxford, porquê?

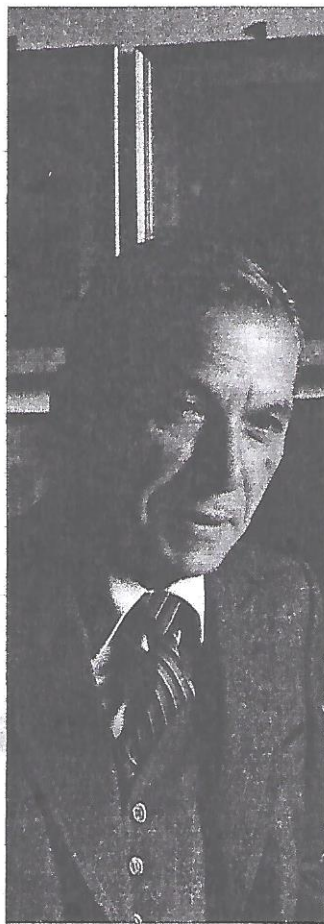
Depois de dois anos em Timor decidi passar de engenheiro agrónomo e silvicultor a antropólogo. Como agrónomo procurava ensinar aos Timorenses as técnicas que conhecia, mas foram eles que acabaram por me ensinar as suas. Através dessa relação comecei a interessar-me por Timor. Quis então arranjar uma base académica para as observações que tinha feito e consegui uma bolsa de estudo para Oxford, onde me diplomei em antropologia social e etnologia. O conhecimento arrasta o amor e este é sempre retribuído. A pedido de dois chefes timorenses liguei-me a Timor por juramento de sangue o que me abriu muitas portas até então desconhecidas.

O que mais o atraiu naquela ilha?

A integridade da cultura timorense. Conserva muitas relíquias que lhe dão uniformidade e características particulares. Os não cristãos estão imersos numa religião natural em tudo parecida com a dos primeiros hebreus.

Pensa em voltar?

Não posso voltar a Timor, porque os portugueses não têm autorização para lá entrar, dadas as não relações entre o nosso país e a Indonésia. Mas, mesmo que pudesse, o desgosto que teria ao ver a terra e os homens destruídos, não tornariam a visita muito convidativa. Talvez acabasse por morrer lá, honra não merecida.



Vai construir uma capela, em Sintra, em estilo timorense?
É a única coisa que posso fazer, visto que os responsáveis pelo que lá se passou nada fazem (e nada podem fazer!) por aquele país, além de longos discursos. Como português e como cristão que sou e pensando nos Timorenses vou erguer uma capela cujo protótipo é uma casa típica timorense. Será construída por timorenses, os que miseravelmente vegetam no Vale do Jamor ou na Amadora, e por universitários católicos. Oxalá tudo se realize com a brevidade possível para escarmento daqueles que concorreram para afundar aquele país num mar de sangue. Mas a capela será uma casa de oração deixada à guarda dos santos pagãos timorenses e sob o patrocínio dos santos cristãos que através das suas ordens evangelizaram o país.

Uma poesia ética

É difícil ser poeta?

Uma pessoa nasce poeta. Depois há um trabalho diário, de sapateiro. Não quer dizer que eu me dê muito a esse trabalho, porque sou mais directo e espontâneo. Mas, no fundo, o mister é o que se aplica a uma criança necessitada de alimento ou de cuidados para poder desenvolver-se.

Há fases de maior inspiração?
Há. Eu publiquei dois livros, estive oito anos sem editar nenhum, depois escrevi o terceiro e só dez anos mais tarde voltei a pegar na caneta. Isto em parte porque não precisava de criar poesia. A poesia nasce de uma necessidade. Em Timor, por exemplo, estava rodeado por ela e por isso não necessitava de a recriar.

E agora?

Agora estou numa fase de produção, diria mesmo de inflação.

Quer dizer que não há poesia à sua volta?

Não. Há muita poesia e eu estou a redescobri-la onde antigamente a não via. E, consequentemente, sinto a necessidade de criar essa mesma poesia, pela palavra.

Onde está a redescobri-la?

No quotidiano. Nos sítios por onde passo, nos jardins e nas pessoas. É para mim uma espécie de oração que recito para além das convencionais.

As suas últimas «produções» têm uma grande influência religiosa?
A minha poesia foi sempre religiosa. Simplesmente, o meu ser actual está profundamente ancorado no mundo religioso e é lógico que a minha poesia reflecta a situação.

É uma poesia mais poética?
Muitas vezes até é mais prosaica. Eu sou uma pessoa que não quero fazer «crochet» como muitos poetas de agora fazem. Quero dizer o que penso e sinto por palavras que julgo mais adequadas. Não sou a favor da arte pela arte, embora lhe seja sensível. A minha poesia é profundamente ética, como disse o meu falecido companheiro Jorge de Sena. Da ética à estética vai um passo de que poucos se apercebem.

Estão a fazer uma tese sobre si...

Ouvi dizer que sim. Sou como o marido enganado: o último a saber.

Associam-se os poetas à vida boémia. Corresponde à realidade?

É. Continua a ser, embora eu não tenha razão de queixa. Se não publico mais é porque não faço por isso. Valem-me os amigos esclarecidos.

É importante para um poeta ver os seus poemas publicados?
Penso que sim. Toda a pessoa

que faz alguma coisa gosta de a ver reconhecida.

O que faz agora em termos profissionais?

Tenho uns livros para publicar sobre motivos artísticos timorenses e recreação da poesia de Timor. Estas obras fazem parte do meu trabalho no Museu de Etnologia, ao qual estou ligado. Mas o museu atravessa uma fase de remodelação e eu sou mais um objecto do próprio museu do que um funcionário...

Um caixote de lixo...

«Ninguém busca consciência e todo mundo dinheiro», diz Gil Vicente. Quer comentar?

Essa frase e uma outra «Todo o mundo é mentiroso e ninguém fala verdade», também de Gil Vicente, estão actualíssimas, até no emprego dos vernáculos. São a expressão, mas a expressão das mais actuais, da actual sociedade portuguesa.

O que acha da situação do País?

O País está mal, mas eu sou um esperançoso. Tornou-se num caixote de lixo mas, evidentemente, o lixo também serve: torna-se em estrume, com que se cultivam as plantas. Sendo assim, espero que todo este lixo em que vivemos venha a ter um efeito positivo nas gerações futuras, por mágoa minha que me sinto cada vez mais coarctado na minha liberdade. Transformaram-nos numa sociedade de fenícios, sem ofensa a estes. Comerciantes retalhistas e mesquinhos políticos, ambos de expressão alva de tanto pensar em interesses vergonhosos ou inconfessáveis. Mas é em meios destes que os santos ressurgem.

Se pudesse, emigrava?

Já sou velho para isso. Queria era fazer uma viagem aos Andes e ao Peru. São os sítios que me falta conhecer.

Gostava de ser rei? Onde é que fundaria a sua monarquia?

Não quero ser rei, nem poderia, jamais, fundar uma monarquia. Isto não quer dizer que não tenha a maior simpatia por esse sistema político, mas sou muito heterodoxo para poder criar um edifício tão bem desenhado como é a monarquia.

Usa uma flor na lapela. É um hábito?

Uso sempre uma flor. E o jardim do Príncipe Real e outros por onde passo têm sido roubados de mais um flor. Ainda hoje pus



- **Vou erguer uma capela aos Timorenses. É tudo o que posso fazer por eles**
- **A poesia nasce de uma necessidade. Estou a descobri-la onde antigamente a não via...**
- **Não quero fazer «crochet» como muitos poetas de agora fazem**
- **As origens, quando desconhecidas, são como os contos de fada...**
- **Já estou velho para emigrar, mas gostava de ir aos Andes e ao Peru**
- **Transformaram-nos numa sociedade de fenícios... sem ofensa a estes...**

uma «cimeraria violeta» na lapela, apanhada ali no Camões. Caiu porque não a prendi com um alfinete.

Simboliza alguma coisa?

Simboliza o meu estado de alma e, de qualquer maneira, as flores na lapela são muito mais admiradas do que nos canteiros. Basta recordar os noivos de cravo branco na lapela...

Quais as leituras que ultimamente mais o prenderam?

Muitas. Mas, sobretudo, o «Senhor dos Anéis», de Tolkien. É uma espécie de «Divina Comédia», emergindo de um ambiente mitológico celta, com o seu dualismo ideológico característico e personagens imaginosas próprias dessa mitologia: gnomos, «elfs» anões, o próprio homem. Considero a obra afim de «1984» de Orwell, mas muito mais fantasiosa, a ponto de se ter de demorar a leitura na esperança de que o livro nunca acabe.

Qual a personagem desse livro que gostaria de encarnar?

O mais humilde. Sam Wise (Samuel, o Lúcio). Ainda por cima dedicava-se à agricultura.

Entrevista conduzida por Isabel Stilwell